

TERRA

ELOY MORENO

O problema de procurar a verdade é encontrá-la
e não saber o que fazer com ela



FENÓMENO
EDITORIAL
7 edições
no primeiro ano



*Pensei que seria simpático partilhar convosco
a banda sonora de Terra, por isso, criei uma lista no Spotify
com os principais temas que me serviram de música de fundo
enquanto escrevia este romance.*

*Deixo-vos o nome da lista e um código QR,
para o caso de vos apetecer ouvi-los
enquanto estiverem a ler.*

A lista chama-se:
NOVELA TIERRA (Eloy Moreno)



Trinta anos antes...

Um carro velho desvia-se por um caminho de terra, para se perder no interior de um bosque. Um bosque com árvores tão altas e tão entrelaçadas, que a luz do dia mal consegue espreitar por entre os ramos.

O homem que o conduz permaneceu em silêncio durante todo o percurso, revendo mentalmente cada um dos passos que vai dar a partir desse momento. Está nervoso, ensaiou a situação muitas vezes, mas sempre sozinho.

Há já vários minutos que o rádio emite sons difusos, até que, ao entrar no bosque, emudeceu completamente: não há rede.

As duas crianças sentadas no banco de trás também vão caladas. Estão assustadas, porque não sabem para onde se dirigem nem para que serve a chave que trazem pendurada ao pescoço.

Depois de mais de dez minutos a circular pela lama, em silêncio, chegam a uma pequena clareira onde uma cabana de madeira os espera. Não há ali mais ninguém, apenas eles e a incerteza.

Os três saem do carro, e é o homem que, depois de duas tentativas, consegue abrir uma porta que parece não desejar convidados.

Os dois miúdos entram devagar, tentando habituar os olhos a uma escuridão que domina tudo. Em contrapartida, o homem dirige-se logo à pedra da lareira, retira de lá uns fósforos e acende uma vela.

Com palavras suaves, diz-lhes para se sentarem no sofá que se encontra ao seu lado; entretanto, com outro fósforo, tenta atear o lume.

A menina procura a mão do irmão, que é mais velho, e aperta-a com força.

— Calma, está tudo bem — sussurra-lhe ele ao ouvido.

Finalmente, a lareira está acesa.

O homem avança até ao fundo da divisão para ir buscar uma cadeira velha e uma caixa de madeira. Instala-se em frente ao sofá, diante deles.

Sorri.

E fala.

As crianças escutam.

Explica-lhes que vão participar num pequeno jogo, um jogo que nunca experimentaram. Tenta convencê-las de que será divertido.

Devagar, vai enumerando as regras.

Escutam sem dizer nada. Assentindo depois de cada frase, tentando assimilar cada uma das instruções. Por fim, quando termina, tocam com cuidado na chave que trazem pendurada ao pescoço.

O homem levanta-se, pousando a caixa de madeira no chão. Dirige-se para a lareira e aproxima as mãos do lume. Assim, daquele ponto e de costas para eles, volta a falar.

— Serão vocês a escolher o prémio... Mas não será um prémio imediato, será um prémio para o resto das vossas vidas.

Silêncio.

O homem agacha-se e esfrega as mãos, demasiado perto das chamas.

— Pensem naquilo que mais vos agradaria neste mundo, no que gostariam de alcançar quando fossem mais velhos. Seja o que for, se conseguirem terminar o jogo, prometo que farei os possíveis para que se torne realidade. Mas... não podem revelar o vosso desejo a ninguém: nem tu a ela, nem ela a ti; só eu o poderei saber. Será o nosso segredo.

Os dois miúdos olham um para o outro sem saber o que dizer, talvez por serem demasiado pequenos para uma decisão tão importante.

— Não há pressa, temos tempo...

Ambos sabem que se encontram num momento determinante das suas vidas. Se aprenderam alguma coisa durante a infância, foi que este homem que têm à sua frente cumpre aquilo que promete.

Depois de vários minutos, em que o único som que se ouve é o do estalar dos ramos na lareira, o rapazinho levanta-se, aproxima-se do corpo que permanece agachado frente ao lume e diz-lhe qualquer coisa ao ouvido. O homem assente e sorri. A criança também sorri.

A menina permanece calada no sofá. A julgar pela idade, poderia parecer demasiado nova para saber o que deseja. Poder-se-ia até pensar que não percebeu bem a pergunta... Mas não é assim: o que se passa foi que decidiu enfrentar o pai e procura mentalmente um desejo tão ousado quanto irrealizável. Por fim, depois de vários minutos a matutar, tem uma ideia e aproxima-se, a arrastar os pés. Agacha-se um pouco e sussurra-lhe o seu desejo ao ouvido.

— Mas... — protesta o homem, surpreendido.

— É este o meu desejo — replica a menina, com um sorriso que deixou de ser sincero há algum tempo.

As duas crianças voltam a sentar-se no sofá.

Passam-se alguns minutos. Silêncio.

O homem levanta-se, dá-lhes um beijo e, depois de confirmar disfarçadamente se a câmara que se encontra por cima da porta está ligada, abandona a cabana.

Os miúdos ficam ali, sozinhos, com a luz e o calor da lareira.

Fecha a porta à chave, dirige-se para o carro, liga o motor e afasta-se... mas não demasiado. O suficiente para que pensem que se foi embora, o necessário para, sem que eles saibam, conseguir ver o que se passará a seguir.

E espera.

E os minutos passam.

Dez.

Encolhe-se de frio dentro do carro.

Vinte.

O homem começa a ficar nervoso. Está tentado a sair para ver o que se está a passar, para perceber se estão a avançar no jogo.

Silêncio. Frio. Ouve-se um grito: o grito de uma menina. Um grito que percorre a cabana, o bosque, e que o atravessa, a ele próprio.

Sai do automóvel e corre o mais depressa possível em direção às crianças.

Foi este o princípio de tudo. Na realidade, também foi este o fim de tudo.

*Um ser que se habitua a tudo;
parece ser esta a melhor definição que posso dar do Homem.*

DOSTOIÉVSKI

*Numa época de logro universal,
dizer a verdade é um ato revolucionário.*

GEORGE ORWELL

— Boa noite... — sussurrou, depois de vários minutos de aclamações.

E voltou a ficar em silêncio.

Abriu e fechou os olhos várias vezes, talvez para tentar adaptar as pupilas aos *flashes* que incidiam sobre o seu rosto como relâmpagos.

Tornara-se o acontecimento do ano, do século, até, dizia a imprensa mais sensacionalista. O local era o mesmo de sempre: um magnífico auditório de aço e vidro, propriedade da sua empresa, mas, desta vez, o motivo era muito diferente: o mundo assistia aos últimos momentos de vida de alguém que chegara a ser a pessoa mais poderosa do planeta.

Os jornalistas tentavam tirar a fotografia mais espetacular, a imagem que, no dia seguinte, se encontraria na primeira página dos principais órgãos de comunicação de todo o mundo. Sabiam que cada gesto, cada palavra... qualquer pormenor poderia espalhar-se como um vírus através das redes sociais.

Nesse dia, eu, em vez de estar num plano inferior, aos seus pés, a tentar captar a frase ou a imagem do ano, permanecia sentada na zona reservada aos VIP, rodeada de políticos e empresários que traziam às costas uma carga tão imunda, que tinha dificuldade em olhar-lhes para a cara.

Todos me conheciam, e eu a eles. Todos conheciam a única jornalista que conseguira vencer aquele homem nos tribunais, várias vezes. Por isso, quando entrei, ninguém me cumprimentou.

Embora nenhum comunicado prévio sobre o alinhamento do evento tivesse sido emitido, quase todos sabíamos o que aquele homem, que mal se sustinha de pé, ia dizer. Suspeitávamos de que seria a sua despedida, a sua última aparição pública. Todos sabíamos a verdade, a verdade que a imprensa tentara ocultar durante o último ano.

Mas é impossível guardar um segredo quando é o próprio segredo que se põe a falar à nossa frente, quando é o próprio segredo que tem dificuldade em manter-se de pé no palco.

Ali estava agora, em silêncio, sob um emaranhado de holofotes e aplausos, um homem que iniciara o seu império com uma simples câmara. Uma pequena câmara com a qual gravava concursos que ele próprio inventava. Um visionário que revolucionara a indústria televisiva, desde os seus primórdios, que ousara fazer o que outros nem imaginavam ser possível, que criara a empresa mais rentável do mundo, do zero... Um homem que chegara a ter mais poder do que o próprio presidente. Um génio para muitos... um ser desprezível para outros.

Um homem que começara com a ideia de fazer a melhor televisão do mundo e acabara por criar os programas mais atrozes e vergonhosos... os programas que mais pessoas viam.

Um homem que reunira a maior fortuna do planeta, que se mantivera ano após ano no primeiro lugar da lista *Forbes*. Um homem com tanto dinheiro e poder, que eram os principais dirigentes do mundo a pedir-lhe audiência, não o contrário.

Era também um homem que transpusera todos os limites, tanto legais como morais; que enfrentara famílias, que destruíra

casamentos, que rentabilizara a dor alheia de uma forma nunca, até então, vista. Um homem que conseguira ter contra si praticamente todas as associações existentes: as ambientais, as dos direitos humanos, as defensoras dos animais... Um homem que transformara o ser humano num brinquedo.

Um homem que teria sido capaz de fazer qualquer coisa para conseguir mais audiências, qualquer coisa...

E esse homem era o meu pai.

O evento condicionara a vida de parte da cidade. Três das principais avenidas estavam cortadas, formara-se um grande perímetro de proteção à volta do edifício.

Era possível ouvir, e, de vez em quando, ver, dois helicópteros sobrevoar os arredores; e a segurança privada era tal, que, para se aceder à área de público e de imprensa, era preciso permanecer várias horas na fila.

Aquele homem que nesse instante falava tinha mais inimigos do que amigos, por isso, o controlo das entradas tinha de ser minucioso. Depois de passar por um triplo arco de segurança, vários guarda-costas privados levavam a cabo uma revista exaustiva. Nesse ponto, foram encontradas mais de trinta armas de fogo. Todas elas sem a intenção de atacar: esquecimentos de convidados, que, ao serem descobertos, ofereciam pedidos de desculpa e as deixavam num depósito sem apresentarem o menor protesto.

Mas nenhum método é infalível, e, num descuido, num momento de confusão... há sempre alguém que consegue fazer entrar uma pequena arma no recinto, daquelas que quase não se veem, das que cabem num bolso, das que também matam se disparadas do local e distância certos.

E, sim, apesar dos milhares e milhares de dólares investidos em segurança, quando aquele homem começou a falar, a pistola já conseguira entrar na sala.

Sim, o meu pai, um homem que começou a trabalhar tanto, que, um dia, se esqueceu de que, algures, à sua volta, existia uma família. Um homem que, mais depressa do que qualquer filha teria desejado, começou a trocar beijos por moedas, abraços por presentes e amor por promessas.

E eu estava ali por um único motivo: Nellyne.

Era o que estava escrito no envelope que chegara a minha casa. Se tivesse escrito Nel ou Nelly, como das outras vezes em que recebera o mesmo convite, certamente, não teria ido. Mas, desta vez, pela primeira vez, estava escrito Nellyne.

Nessa noite, cheguei sozinha, entrei por uma porta traseira, mostrei as minhas credenciais, e o meu apelido fez o resto. Apesar de ter recusado, o pessoal de segurança privada da empresa acompanhou-me até ao palco presidencial, algo que, tendo em conta o que se passou depois, me salvou a vida. Reservara-me o melhor lugar, na primeira fila, a poucos metros dele.

Por isso, quando subiu ao palco, foi inevitável que os nossos olhares se cruzassem. E, ali, entre o barulho dos aplausos, a chuva de *flashes* e a grande distância afetiva que nos separavam... olhámo-nos. Vi os seus lábios desenharem uma palavra no ar: Nellyne.

Apenas três pessoas me chamaram por esse nome: uma delas estava morta, a outra desaparecera da minha vida havia muitos anos, e tinha a terceira à minha frente nesse instante.

Nellyne. Uma palavra que começou a esbater-se na minha mente, que me conduziu a um passado que, para mim, sempre esteve demasiado distante. Talvez tenha sido isso — a esperança

de voltar ao lugar em que fui feliz — a convencer-me a estar ali presente, naquela noite. Nellyne. Era assim que me chamava na única altura em que se comportou como um pai.

Vivíamos numa pequena aldeia rodeada por um bosque magnífico, que percorríamos juntos aos fins de semana. A dez minutos de distância, havia também um rio onde tomávamos banho no verão e pescávamos no inverno. Quase não tínhamos dinheiro, mas tínhamo-lo a ele. Foram anos felizes. Até que tudo começou a mudar, no dia em que apareceu com aquela maldita câmara.

Ao início, adorámos a ideia, um brinquedo novo com que podíamos fazer os nossos próprios filmes. No entanto, aquilo que começou por ser um passatempo transformou-se, aos poucos, numa obsessão e, por fim, numa profissão que nos expulsou a todos da sua presença; bem, quase todos. Sempre pensei que, se aquela câmara não tivesse aparecido, tudo teria sido muito diferente... as nossas vidas, a relação que tínhamos uns com os outros, nós próprios...

Mas começou a ficar obcecado. Gravava sem parar e, depois, de noite, víamos os filmes. A minha mãe morria de vergonha, mas eu e o meu irmão, de início, adorávamos. Lembro-me de ele fazer testes comigo, de nos rirmos juntos por determinada cena ficar tão má; de, a meio de uma filmagem, nos dar um ataque de riso e termos de interromper...

No entanto, com o passar do tempo, foi-se esquecendo de me chamar Nellyne... os seus sonhos começaram a ser tão grandes, que tudo o resto — e nesse *tudo o resto* estávamos nós — à sua volta desapareceu.

Demorou alguns segundos a recomeçar a falar, em voz baixa, como se, na realidade, não quisesse dizer nada, como se as palavras, em vez de lhe nascerem da garganta, saíssem da sua consciência, na hipótese de ainda restar algo dela.

— Boa noite... — E fez-se novo silêncio. — Quem me viu e quem me vê? Mas, enfim, cheguei aqui, o que não é coisa pouca.

Ouviram-se risos e um aplauso que se prolongou durante vários minutos, enquanto ele erguia as mãos lentamente, para pedir que parassem.

— Esta será a minha última aparição pública. Esta noite, despeço-me do mundo da televisão, um mundo que me deu várias alegrias, que me fez viver muito... Mas tudo chega ao fim, tenho de dar lugar às novas gerações. O meu corpo disse-me que chega...

Nesse momento, a sala emudeceu.

O meu pai fechou os olhos e engoliu a saliva.

Devido à sua magreza extrema, quase conseguimos ver essa saliva atravessar-lhe a boca, percorrer-lhe a garganta e cair num corpo que se perdia no interior do *smoking*. Aproximou-se devagar do microfone e disse aquilo que toda a gente já sabia.

Um romance que vai mudar a forma como vê o mundo

Dentro de uma cabana escondida na floresta, um homem faz uma promessa aos dois filhos: «Pensem naquilo que mais vos agradaria neste mundo, no que gostariam de alcançar quando fossem mais velhos. Seja o que for, se conseguirem terminar o jogo, prometo que farei os possíveis para que se torne realidade.» Mas esse jogo nunca acabou.

Trinta anos depois, uma das crianças conseguiu realizar o seu desejo, mas a irmã não. É então que ela recebe um presente estranho, um objeto que lhe permitirá continuar o jogo.

Oito pessoas decidiram voluntariamente participar num *reality show* que consiste em isolar-se do mundo, para sempre. O público pensa que sabe tudo sobre elas, mas nem suspeita os motivos pelos quais tomaram essa decisão.

A criança que não conseguiu realizar o seu desejo, agora jornalista, deve descobrir a ligação entre o presente que recebeu e aqueles oito concorrentes, de modo a realizar o seu desejo, caso ainda seja essa a sua vontade. A resposta está na Islândia.

**Uma comovente história de sentimentos,
laços familiares, natureza, sociedade
e a importância de seguir os nossos sonhos.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial



penguinlivros.pt



@penguinlivros



sumadeletrasportugal

ISBN 9789897845338



9 789897 845338 >